

A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL VOLTADA A EDUCAÇÃO EM VALORES POR MEIO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS: COMPARTILHANDO A EXPERIÊNCIA

Priscila Caroline Miguel ¹
Patrícia Unger Raphael Bataglia ²

RESUMO

O presente estudo, de natureza qualitativa, tem o objetivo de compartilhar uma experiência que está em andamento no que se refere a formação continuada de educadores da Educação Infantil visando o trabalho com sequências didáticas, para se abordar a Educação em Valores. Em tempos de ataques a escolas, acreditamos que o trabalho com valores sociomoraís já na Educação Infantil, pode contribuir para a formação de sujeitos autônomos morais, não submissos e obedientes acríticos. Para tanto, consideramos necessário investir na formação continuada de professores desse segmento, pois acreditamos em uma educação moral advinda da construção de um ambiente cujas práticas visem a construção de valores que conduzam e influenciem cada um dos alunos que o frequentam. Escolhemos o valor respeito para ser trabalhado inicialmente, através da construção de sequências didáticas, que se constituem como uma forma organizada sequencialmente para desenvolver saberes, estimular a reflexão e propiciar condições para que as crianças construam seus valores morais ou a sua moralidade. Não entendemos a educação moral unicamente como um processo individual de desenvolvimento e, tampouco, acreditamos que tal temática deva ser uma disciplina isolada no currículo. Precisamos de ações conjuntas e de trabalhos que envolvam todas as disciplinas e agentes escolares. O que reforça e fundamenta a formação que está sendo realizada e aqui descrita. Temos realizado encontros mensais com 40 educadores, em média, e como resultados parciais temos percebido a falta de estudos na área, a crença de que educar em valores é apenas papel da família, mas vemos uma preocupação da gestão escolar em mudar essa perspectiva e da nossa parte, enquanto, pesquisadoras da área o empenho em contribuir para modificar esse cenário.

Palavras-chave: Educação Infantil, Formação Continuada, Educação em Valores, Sequência Didática.

INTRODUÇÃO

Para alguns, sequência pedagógica, para nós, sequência didática. Ao pensarmos uma sequência didática devemos esclarecer, antes mesmo de conceitua-la, que a fazemos como proposta e como exercício de reflexão dos educadores e não como um modelo a ser seguido sem um olhar crítico. Cabe ao professor utilizar esse instrumento como base de suas reflexões

¹ Doutoranda com Bolsa CAPES/PROEX do Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP – Campus de Marília -SP, priscilacarolinemiguel@gmail.com

² Professora Livre-docente do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP – Campus de Marília - SP, patricia.bataglia@unesp.br

e adaptá-la a sua práxis, contextualizando à sua realidade pedagógica, como bem nos alertam Silveira e Lepre (2022).

Segundo Almeida (2015) a Sequência Didática na Educação Infantil além de ser uma forma organizada sequencialmente para desenvolver saberes, ela tem a tendência de estruturar um trabalho mais organizado e mais pertinente à criança de hoje que tem contato com inúmeras fontes, “mas que não tem trabalho estruturativo no sentido de dar organicidade a tudo que ela vê, consome, sente e faz o dia inteiro” (ALMEIDA, 2015, p. 72). Isso posto, a sequência didática é uma forma de organizar o planejamento semanal da rotina das crianças, assim como de organizar o desenvolvimento delas a partir de conhecimentos que se ampliam empiricamente e, paulatinamente, vão se tornando grandes fontes de percepções múltiplas.

Temos na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) a Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica brasileira que pode oferecer às crianças a experiência da convivência com o outro, professores e pares e os ambientes e espaços dessas escolas são elementos fundamentais ao desenvolvimento e à aprendizagem das crianças. Sendo assim, tratando dos espaços nas escolas, Silveira e Lepre (2022) alertam que é importante que sejam planejados e avaliados na tentativa de possibilitar relações e vivências éticas de cuidado consigo mesmo e com os outros.

Goergen (2007) retrata que as crianças passam muito tempo de suas vidas nas escolas de Educação Infantil, local no qual os processos de desenvolvimento, a maneira de pensar e emitir juízos de valores, seus conceitos e representações, sua sensibilidade, atitudes e comportamentos, são constituintes de suas identidades e suas diferenças. Para auxiliar nesse processo, consideramos que o trabalho com sequência didática é uma valiosa ferramenta, pois estimula a intencionalidade e o planejamento do professor voltado a essa finalidade.

Araújo (2013) entende a sequência didática como uma forma de planejamento e organização por parte do professor de atividades que pretendem ensinar através de núcleos temáticos e procedimentais. Já, Zabala (1998), coloca que a sequência didática é “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecido tanto pelos professores como pelos alunos” (p.18).

Por sua vez, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), apresenta a ideia de um aluno ativo e protagonista na construção de seu conhecimento e traz dez competências gerais que devem ser trabalhadas desde a Educação Infantil, com o objetivo da formação de valores morais, conhecimentos e habilidades para a constituição de um sujeito autônomo, criativo, crítico, reflexivo e cooperativo (SILVEIRA; LEPRE, 2022).

O planejamento por Sequência Didática se dá então através da sistematização do trabalho docente com o objetivo de ajudar a criança a desenvolver competências e habilidades que deem sentido para a efetivação do seu processo de aprendizagem. Sob o olhar de crescimento pedagógico, a orientação para o uso do termo “Sequência Didática” nos planejamentos de aulas dos professores torna-se um ganho, porque tem a premissa de garantir uma maciça participação dos alunos durante as aulas (ALMEIDA, 2015).

A Sequência Didática é formada por atividades que podem ser definidas como os “meios” usados pelo professor com o objetivo de que o aluno vivencie as experiências necessárias ao desenvolvimento de competências e habilidades, fazendo com que a aprendizagem seja significativa por valorizar a investigação, a integração, a cooperação e incentivar a ação do aluno. Estimula a cooperação entre o grupo (alunos e professor) e busca o desenvolvimento de habilidades como características básicas do processo de aprendizagem. Silveira e Lepre (2022) ressaltam que: “uma SD [Sequência Didática] é mais do que um instrumento para organizar uma aula, uma vez que pode se converter em uma condução metodológica pautada em teorias do desenvolvimento e da aprendizagem” (p. 242).

A Sequência Didática deve ser planejada pelo professor, de forma que trate cada conteúdo de maneira específica e singular, dando oportunidades ao aluno de desenvolver sua autonomia para que empregue seus próprios mecanismos na construção e reconstrução do seu conhecimento e arquitetar formas para a resolução e formulação criativa de problemas. Para Almeida (2015, p. 73) “criar uma sequência didática é programar situações e circunstâncias em que o estudante realmente construa seu conhecimento”. Sendo assim, a finalidade é possibilitar ao aluno a construção de seu conhecimento articulando diversas teorias didáticas.

No caso da experiência aqui relatada, a sequência didática tem por objetivo propiciar a construção de um ambiente sociomoral, no qual as crianças são imersas em uma atmosfera moral que estimule a convivência ética, o respeito ao outro, o diálogo como facilitador da resolução de conflitos, a generosidade e a justiça, entre outros valores.

Para García e Puig (2010) são necessárias sete competências fundamentais para a construção de valores no âmbito escolar: ser você mesmo (valorizar a construção da identidade da criança, por exemplo); reconhecer o outro (daí a importância de se propiciar condições para a superação do egocentrismo), facilitar o diálogo (sem se esquecer de que os conflitos, mesmo na Educação Infantil são oportunidades de aprendizagem), trabalhar em equipe, fazer escola (implica em conscientizar-se da importância das iniciativas individuais para a melhoria de uma escola e avaliar sua influência na formação moral de seus alunos) e estimular para que a escola trabalhe em rede.

Dessa forma, educar em valores não é uma ação isolada da família, da escola ou do professor - mas um esforço em rede, a partir de reflexões básicas sobre o que é uma vida boa e como viver essa vida boa, com base no reconhecimento do outro como sujeito que pensa, sente e se situa no mundo, exercitando a empatia, o respeito, o cuidado e a justiça. (SILVEIRA; LEPRE, 2022, p. 254).

A formação de professores que estamos oferecendo só faz sentido à medida que repensamos os propósitos e métodos utilizados para atingir tais objetivos no ato de educar, já que a educação como construtora da autonomia, em dimensões cognitivas e morais, não tem sido o enfoque da maioria das escolas atualmente. Para DeVries e Zan (1998), algumas pessoas acreditam que a escola não deveria estar preocupada com a educação social e moral, mas sim com o ensino de temas acadêmicos ou na promoção do desenvolvimento intelectual, visão esta que traz à tona o seguinte problema: a escola influencia o desenvolvimento social e moral de seus alunos, quer queira ou não. O fato é que as escolas não são e não podem ser livres de valores ou neutros quanto a esses, pois assim como as autoras acima referenciadas, acreditamos que, seja para a heteronomia ou para a autonomia, os educadores estão engajados na educação social e moral de seus educandos.

De acordo com Piaget (1932/1994), o desenvolvimento moral pode adotar as seguintes tendências: depois de uma fase pré-moral ou anomia, é possível que o sujeito desenvolva uma consciência heterônoma e depois disso, uma consciência autônoma. Na heteronomia, a criança baseia seus juízos em um respeito unilateral e os adultos são vistos como autoridade e fonte de regras e proibições. Aqui, as origens da moralidade estão no respeito que é dirigido aos adultos, levando a uma moral da obediência, de adesão a regras fixas e determinadas por outrem. Já, na autonomia, as relações antes unilaterais são transformadas em respeito mútuo, baseando-se na reciprocidade e justiça. Sendo assim, as mudanças no nível cognitivo da criança, desde o egocentrismo até o perspectivismo, junto com a alteração das relações sociais, da coação à cooperação, culminam na base para explicar a transposição dos juízos morais heterônomos aos autônomos.

De acordo com a BNCC - Base Nacional Comum Curricular, (BRASIL,2017) é na interação com os pares e com os adultos que as crianças constroem um modo peculiar de agir, sentir e pensar e começam a descobrir que existem outros modos de vida, pessoas diferentes que por sua vez, possuem outros pontos de vista. Concomitante à sua participação em relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. Por isso, é preciso que haja a criação de

oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes etc., pois a partir dessas experiências, elas podem ampliar o modo como percebem a si mesmo e aos outros, valorizar sua identidade, respeitar ao outro e reconhecer as diferenças que possuímos enquanto seres humanos.

Vale ressaltar que se desejamos sujeitos de fato, autônomos moralmente falando, precisamos de formações continuadas dos educadores no nosso caso, da Educação Infantil, para que eles tenham maior conhecimento da Educação em Valores, do desenvolvimento moral infantil em uma perspectiva construtivista e da utilização de sequências didáticas como uma possibilidade metodológica para o enriquecimento de sua prática pedagógica.

Placco e Silva (2015) reforçam que a discussão sobre formação docente é antiga e ao mesmo tempo, atual: é antiga, pois é uma preocupação presente em toda a nossa História da Educação e atual, porque tem se apresentado como um ponto a ser levado em conta em discussões sobre qualidade de ensino, evasão e reprovação, além de ter um significado “[...] de ampliação do universo cultural e científico daquele que ensina, dadas as necessidades e exigências culturais e tecnológicas da sociedade” (p.25).

No entanto, quando dizemos “formação de professores”, nos vem à mente: “o que é formar?” O formar envolve proporcionar referências e parâmetros, que supera a sedução de modelar uma forma única, pois autores como Placco e Silva (2015) colocam que há várias dimensões do formar, sendo elas: a) *dimensão técnico-científica*: envolve os conhecimentos técnico-científicos relacionados à sua área e cabe ao formador a flexibilidade para mudanças e ampliações do campo conceitual; b) *a dimensão da formação continuada*: o profissional formado deve continuar pesquisando, buscando novos conhecimentos, criando espaços para a busca de um conhecimento inter e transdisciplinar; c) *a dimensão do trabalho coletivo e da construção coletiva do projeto pedagógico*: o trabalho educativo deve ser em cooperação, integradamente, considerando mais uma vez a transdisciplinaridade; d) *a dimensão dos saberes para ensinar*: abrange os conhecimentos produzidos pelo professor sobre os alunos, sobre as finalidades e utilização dos procedimentos didáticos, sobre os aspectos afetivo-emocionais, além dos saberes acerca dos objetivos educacionais e seus compromissos como cidadão e profissional; e) *a dimensão crítico-reflexiva*: implica em conhecer sobre o próprio funcionamento cognitivo pessoal e habilidade de autorregulação desse funcionamento e por fim f) *a dimensão avaliativa*: refere-se à capacidade avaliativa do professor em relação à sua prática pedagógica ou a aspectos específicos do sistema escolar ou da escola em que trabalha.

Como início da nossa formação continuada, intitulada “Formação de professores da Educação Infantil sobre Sequências Didáticas para trabalhar com Valores Morais” realizamos,

no primeiro encontro presencial, com a presença de 40 (quarenta) professores e professoras, coordenadoras pedagógicas da Educação Infantil e a Secretária Municipal da Educação, uma formação em serviço cujo objetivo foi apresentar os resultados dos questionários via Google Forms referentes à aplicação de cinco histórias do valor respeito, que foram adaptadas da Escala de Valores Sociomorais, discussão sobre como a criança pode superar o egocentrismo, o que é uma Sequência Didática e uma proposta que aborda o valor respeito, com perspectivas a descentração etc.

Elaborada por estudiosos e estudiosas da Psicologia do Desenvolvimento Moral, a Escala de Valores Sociomorais visa possibilitar a identificação não só dos valores mais presentes em escolares, mas também as variáveis (que podem ser sociais e situacionais) influenciáveis na construção deles, como características sociais e pedagógicas das escolas e dos professores, nível educacional e socioeconômico dos sujeitos, série escolar, idade, gênero dos alunos, entre outras (TAVARES; MENIN, 2015).

A importância de se mensurar valores morais se dá pelo fato de que eles são, portanto, os investimentos afetivos que aplicamos em regras, princípios, sentimentos, ou ações consideradas, na maioria das culturas, boas ou justas (TAVARES; MENIN, 2015). Sendo assim, o instrumento foi construído de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) que colocaram a ética como um dos temas transversais na educação. Os valores como respeito, justiça, solidariedade e diálogo, de acordo com os PCNs foram os mais significativos para o desenvolvimento moral de crianças e adolescentes.

Os pesquisadores e as pesquisadoras responsáveis pela construção do instrumento, entenderam que o diálogo é mais um operador do que um valor moral, e então adotaram em seu lugar, o valor da convivência democrática. A Escala foi pensada para sujeitos do Ensino Fundamental em diante, além de professores e gestores, mas Miguel (2021) fez uma adaptação do instrumento, em forma de pranchas de desenhos, para crianças da Educação Infantil, trabalhando em especial o valor respeito.

A Escala é composta de um questionário com histórias-problemas envolvendo os valores respeito, justiça, solidariedade e convivência democrática. Tais histórias terminam com uma frase a ser completada ou uma questão sobre o que se deveria fazer, seguidas de cinco alternativas de respostas. O participante deve ler o item e escolher uma das alternativas. Três delas são favoráveis ao valor e duas contrárias a ele, ou seja, baseada em um contravalor (TAVARES; MENIN, 2015).

Logo depois, fizemos uma discussão sobre o egocentrismo, que consiste na incapacidade de ver o mundo sob outro ponto de vista que não o seu, uma característica presente

nas crianças da faixa etária de 5 a 7 anos em média, público-alvo da Sequência construída. Colocamos em pauta a questão de que os educadores (as) podem auxiliar nesse processo através de atividades cooperativas, rodas de conversa, jogos que provoquem a reflexão sobre a descentração e a utilização de sequências didáticas, como a que propusemos na formação.

Por fim, educar moralmente ou em valores, vai além de uma ação pedagógica, pois consideramos que esse é um compromisso a ser assumido pelo professor e pela escola, já na Educação Infantil, objetivando a construção de uma sociedade mais justa, democrática e generosa. O enfoque do nosso trabalho é o valor respeito, mas devemos considerar que o diálogo é o método mais eficaz para a educação em valores e as práticas morais devem acontecer diariamente. Não se trata aqui de um aprendizado pela repetição, mas sim práticas que provoquem nas crianças a tomada de consciência, que só é possível quando eles são capazes de refletir sobre suas ações. Essa é uma tarefa, da qual, nós educadores, não podemos nos esquivar. “O exercício ético está nos acordos diários que são estabelecidos e reafirmados a cada situação (LA TAILLE, 2009) e a conversação é a ferramenta que dispomos para a construção destes acordos e sua manutenção ou mudança” (HOPPE, SANTOS, 2021, p.718).

METODOLOGIA

As ações do projeto de formação continuada que estão sendo implementadas, constituem no que Puig (1995) chama de aprendizagem em serviço, que diferente da proposta educativa tradicional, os envolvidos enfrentam as necessidades reais da comunidade escolar com o objetivo de criarem soluções e aprenderem. Dentro dessa metodologia, temos as necessidades ou desafios cívicos, o serviço à comunidade e a aprendizagem em conteúdos, competências e valores. Ao relacionar a aprendizagem a um contexto real, a aprendizagem em serviço qualifica os envolvidos para avaliarem os problemas da comunidade e resolvê-los, possibilitando a interconexão entre teoria e prática com resultados o atendimento das necessidades educativas que os professores trazem para as formações.

Estão sendo oferecidas formações acerca da Educação em Valores e da elaboração de sequências didáticas mensalmente em uma cidade do interior paulista com aproximadamente 16.000 habitantes, com duração de duas horas, nas quais cada ator do ambiente escolar é sujeito ativo e, por conseguinte, transformador de sua realidade interna e externa. Participam dos encontros cerca de 40 (quarenta) profissionais que atuam em uma escola municipal de Educação Infantil, que trabalha com crianças de 4 e 5 anos, em média.

Temos como objetivos: realizar encontros de formação presenciais no Horário de Estudos Coletivos (HEC) entre equipe escolar e universidade afim de capacitar os profissionais para a elaboração de sequências didáticas, que evidenciem a Educação em Valores pautada na Base Nacional Comum Curricular; ampliar os espaços de partilha de experiências para o aporte teórico, uma vez que acontecem as formações e os educadores já inserem em suas práticas, além de trazerem relatos de suas experiências; fomentar discussões que levem a reflexões sobre a prática docente e oferecer subsídios teóricos as questões levantadas pela equipe, como mais recentemente surgiu a importância da discussão sobre a conduta dos educadores na resolução de conflitos entre as crianças, já que muitas vezes, alguns dos profissionais relataram que “resolvem” a situação pelas crianças por ser algo de solução imediata e pela dificuldade bem como a falta de formação no sentido de propiciar um ambiente que promova a construção da autonomia moral e não a manutenção da heteronomia.

Esse estudo de abordagem qualitativa é caracterizado por uma pesquisa-ação, pois “[...] além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modifica-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada [...] (SEVERINO, 2016, p.127). Ao mesmo tempo, em que estamos realizando um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, levamos aos educadores envolvidos em nossas formações propostas de mudanças que possam aprimorar as práticas analisadas. Complementando a ideia de pesquisa-ação, Schön (2000) salienta que tal pesquisa usada no âmbito educacional é uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de forma que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em consequência, a aprendizagem de seus alunos, seguindo o ciclo: planejar-agir-monitorar-avaliar-planejar, o que favorece a formação de profissionais críticos e reflexivos, inclusive em relação às suas práticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por se tratar de uma formação de professores em andamento, os resultados preliminares reforçam a nossa ideia inicial de que trabalhos e pesquisas na Educação Infantil que abordem o desenvolvimento da moralidade infantil em uma perspectiva construtivista e a Educação em Valores são de grande valia, já que alguns professores e professoras relataram não terem recebido tais orientações em suas formações iniciais. O que nos mostra a importância de que tais assuntos sejam tratados e constem no currículo dos Cursos de Licenciatura, em especial o de Pedagogia.

Percebemos também a falta de estudos que abordem o uso de sequências didáticas como uma possibilidade para se trabalhar o desenvolvimento moral (incluindo a construção dos valores morais, como por exemplo o respeito), já que estamos fazendo uma busca em banco de periódicos e identificamos uma escassa produção de pesquisas na área.

Identificamos também que ainda há a ideia de que a formação de valores deveria ser papel apenas da família, o que nos revelou a necessidade de que trabalhem para que essa concepção seja repensada, pois a escola pode e deve trabalhar para a construção de um ambiente sociomoral que propicie condições para a formação de sujeitos, realmente autônomos, moralmente falando. Outra ideia que apareceu e precisamos trabalhar foi a confusão do termo “autonomia moral” com independência, pois ouvimos relatos de professores que os alunos não conseguem nem amarrar o cadarço sozinhos, por exemplo, e por isso não são autônomos. No exemplo citado, cabe esclarecer que amarrar o tênis sozinho é uma atitude de independência dessa criança e não uma ação de autonomia moral.

Por outro lado, precisamos destacar o empenho da gestão escolar em colocar em prática junto aos educadores os conteúdos trabalhados e também o interesse desses profissionais em uma educação que seja de fato integral, isto é, que considere que além dos aspectos cognitivos, a afetividade, o desenvolvimento moral, o desenvolvimento motor estão acontecendo junto ao processo de aprendizagem. A criança é mais do que um indivíduo cognoscente.

Por fim, ao final das formações continuadas aqui relatadas, esperamos alcançar os seguintes resultados com os participantes dos encontros: -maior apropriação teórica de como e quando elaborar sequências didáticas; - construção de sequências didáticas com foco em Educação em Valores; - construção de valores a serem trabalhados com os estudantes, tais como: respeito, solidariedade, convivência democrática e justiça. As avaliações quanto às formações serão qualitativas e baseadas nas narrativas dos participantes durante os encontros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos momentos em que as “enfermidades” da sociedade brasileira refletem em ações violentas no âmbito escolar. Onde deveria imperar o amor, respeito e empatia, infelizmente parece imperar o ódio, a não aceitação às diferenças e, mais do que isso, a incapacidade de ver o mundo sob outro ponto de vista que não o seu. Será isso reflexo de um histerismo, discursos de ódio, “ausência” da família, ou falta de formação adequada?

Ainda vemos, infelizmente, profissionais da Educação com o pensamento de que a Educação Moral e em Valores é papel da família, apenas. Porém, quer queira ou não, nós

influenciamos os nossos alunos, moralmente falando, a todo tempo. E será que estamos preparados para isso?

Assistimos entristecidos e entristecidas escolas investindo em detectores de metais, vigilantes (inclusive armados), cursos de defesa pessoal etc., recursos esses que tornam a escola um ambiente coercitivo e reforça a heteronomia de nossos alunos, quando na verdade deveríamos promover de fato uma educação para a autonomia moral, que só é possível em um ambiente em que a coação dá lugar a cooperação e as relações são realmente democráticas. Autoridade não é e não pode ser confundida com autoritarismo.

Mediante o exposto, apontamos como imprescindível a elaboração (ou reorganização) de políticas públicas que vão na contramão das mais recentes medidas adotadas, em larga escala, a fim de evitar atos como os supramencionados, mas que visam o desenvolvimento da autonomia -principalmente da moral- de educadores e educandos, cujo objetivo é uma Educação Moral e em Valores, refletida e embasada cientificamente.

Corroboramos com as ideias de Ostetto (2011) que as teorias e os fundamentos pedagógicos oferecem aos professores da Educação Infantil uma aproximação das crianças, mas nada substituirá o encontro com esses universos, ou seja, a magia e o encanto que eles nos proporcionam. [...] “Para uma prática educativa que pretenda respeitar o tempo da infância, é fundamental olhar as crianças, os movimentos dos grupos; um olhar disponível, receptivo, que vê e ouve além do aparente”[...] (p. 161), ou seja, é preciso sim fornecer às crianças os conteúdos propostos para as suas faixas etárias, mas também coloca-los em contato com os valores morais como respeito, justiça, paz, solidariedade, equidade, pois como nos ensina La Taille (2013), eles [...] “ nos remetem a *deveres* por intermédio dos quais se expressam o respeito pela dignidade alheia e o reconhecimento da necessidade de respeitar seus direitos [...]” (p.15-16, grifos do autor). Sendo assim, não há o desenvolvimento da cidadania e da autonomia moral possível se não houver o desenvolvimento e o fortalecimento do senso moral. E é para isso e por isso que estamos caminhando.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. P. de. **Neurociência e sequência didática para Educação Infantil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

ARAÚJO, D.L. O que é (e como faz) sequência didática?. **Entre palavras**, Fortaleza, ano 3, v. 3, n.1, p.322-334, jan./jul., 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DEVRIES, R.; ZAN, B. **A ética na educação infantil: o ambiente sócio-moral na escola**. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GARCÍA, X. M.; PUIG, J.M. **As sete competências básicas para educar em valores**. São Paulo: Summus, 2010.

GOERGEN, P. Educação moral hoje: cenários, perspectivas e perplexidades. **Educação Social**, Campinas, v.28, n.100, p. 737-762, out./2007.

HOPPE, M. M. W.; SILVA, T. L. Convivência, ética, e autoridade na educação infantil. **Quaestio**, Sorocaba, SP, v.23, n.3, p. 699-720, set./dez., 2021.

LA TAILLE, Y. **Prefácio**. In: MENIN, M. S. de S.; BATAGLIA, P.U.R.; ZECHI, J.A. M. (org.). **Projetos bem-sucedidos de Educação em Valores: relatos de escolas públicas brasileiras**. São Paulo: Cortez, 2013, p. 13-19.

MIGUEL, P. C. **O desenvolvimento moral e o valor respeito: criação de uma sequência didática para o trabalho na Educação Infantil**. 2021. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2021.

OSTETTO, L. E. Ser professor de Educação Infantil entre buscas além dos hábitos de pensar e fazer. In: PINHO, S. Z. de. (org.). **Formações de educadores: dilemas contemporâneos**. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 155-167.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. Tradução Elzon Lenardon. São Paulo: Summus, 1994 [1932].

PLACCO, V. M. N. de S.; SILVA, S. H. S. da. A formação do professor: reflexões, desafios, perspectivas. In: BRUNO, E. B.G.; ALMEIDA, L. R. de A.; CHRISTOV, L. H. da S. (Org.). **O coordenador pedagógico e a formação docente**. São Paulo: Edições Loyola, 2015, p. 25-37.

PUIG, J.M. Aprender a dialogar: materiales para la educación ética y moral. In: *Educación Secundaria*. Madri: Rogar, 1995.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVEIRA, A.; LEPRE, R. M. Educação em valores sociomoris na Educação Infantil: proposta de uma sequência didática para crianças entre cinco e seis anos de idade. **Schème (Marília)**, v. 14, n. especial, p. 231-256, Marília, SP, 2022. Disponível em: <http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/scheme>. Acesso em: 01 nov. 2022.

TAVARES, M. R.; MENIN, M. S. de S. (Org.). Avaliando valores em escolares e seus professores: proposta de construção de uma escala. **Revista Fundação Carlos Chagas**, São Paulo, v. 46, out.2015.



ZABALA, A. A. Prática educativa: como ensinar. Tradução Ernani F. Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 1998.